

TIAGO TOY

EL ARTE DE BIBI



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

El Arte de Bibi

Tiago Toy

2013

O nome real é proibido mencionar, assim como sua idade. Nasceu por engano em uma cidadela no interior de SP. Já atuou, desenhou, dançou e cantou. Em 2009 foi para capital em busca de seu destino com 50 reais e 30 miojos na mochila. Seu primeiro livro, Terra Morta, surgiu em 2008 na web e arrebanhou uma fervorosa legião de fãs. Atualmente se empenha em virar um escritor famoso, ou, pelo menos, famoso. Adora capuccino, queijo quente, dias frios e sente saudades de sua família, inclusive de sua gata Miyuki. Não gosta de barulho nem de pessoas efusivas. Tem certa dificuldade em dialogar conclusivamente...

Conheça o trabalho de Tiago Toy em <http://terra-morta.blogspot.com.br/>

© 2013 Tiago Toy

Todos os direitos reservados

Edição: Tiago Toy

Capa: Tiago Toy

<http://terra-morta.blogspot.com.br/>

tiago.toy@hotmail.com

www.facebook.com/tiagotoy

<http://www.facebook.com/terramortaoficial>

twitter: [@tiago_toy](https://twitter.com/tiago_toy)

O olhar de Cassius permanecia imóvel, fitando através do filete de fumaça do expresso.

Estava aflito devido o chamado para uma conversa urgente. Coisa boa não vinha. Sentia que não era um encontro casual. Confirmou a suspeita quando Filipi chegou, o jaleco branco jogado sobre o ombro e uma expressão de angústia. Por ser médico, não deveria ter o dom de acalmar seus pacientes? Aquela sem dúvida era sua cara de más notícias.

Com um aperto de mão mais demorado do que o normal, sustentaram-se no olhar por algum tempo e sentaram-se. Filipi acenou e o garçom veio com um sorriso forçado e uma barba mal feita. Pediu um *cappuccino* e um *croissant*, evitando olhar diretamente para Cassius. O outro, por sua vez, permanecia observando uma mancha minúscula na toalha como se fosse a coisa mais importante do mundo. Sem mais garçom ou pedidos, foram obrigados a encararem-se.

Cassius era branco a ponto das veias serem visíveis ao redor dos olhos. Os cabelos loiros e finos grudavam no suor da nuca. Mantinha a mania de raspar os dentes discretamente amarelados, emitindo um som irritante, sinal de sua impaciência. Filipi também tinha a pele bem clara, mas em um tom saudável. As sobrancelhas eram grossas e escuras e davam-lhe um ar sisudo. O olhar penetrante finalmente entrara em contato com os olhos claros de Cassius. Um vagaroso esfregar no queixo quadrado e então puxou um envelope debaixo do jaleco. O esfregar de dentes cessou.

Engolindo seco e desistindo de outro gole de café, Cassius hesitou. Com uma ideia precisa do conteúdo decidiu terminar de uma vez com a dolorosa dúvida e rasgou o envelope, puxando a folha de seu interior e desdobrando-a sem cuidado. Não levou muito tempo procurando; já conhecia aquele tipo de exame. Foi direto ao resultado. Uma lágrima formou-se e rolou. Antes que Filipi pudesse consolá-lo, Cassius se levantou num rompante, batendo o braço na xícara. A porcelana se partiu em vários pedaços, esparramando o expresso e chamando a atenção dos poucos clientes. Ignorando os

chamados de Filipi, sumiu na neblina em uma ruela de paralelepípedos.

...

Diferente do que esperaria de um bar noturno, o ar era demasiado gelado. No entanto, Cassius não parecia importar-se. Ainda que sentisse desconforto, bastava entornar uma taça de vinho num gole e o calor era instantâneo. Passageiro, mas instantâneo. Não sabia dizer se o local estava cheio ou não, tampouco recordava-se da cara do garçom que o servira ou do preço da garrafa que pedira. O que não conseguia esquecer era o resultado do exame. Sentia um frio na espinha ao imaginar que aquilo estava dentro dele. Imaginava se conseguiria tirá-lo à força, e mais uma taça entornou em sua boca. O que primeiro chamou sua atenção foi o cheiro. Uma fragrância hipnotizante. Algo como ópio, um tom oriental, marcante. Pela primeira vez desviou o foco de seus pensamentos e procurou. Girou a cabeça automaticamente na direção exata de onde ela estava. Nos fundos do bar, uma área iluminada por castiçais dentro de garrafas na parede, uma garota sozinha em um sofá de veludo vermelho o observava. Cassius forçou a vista para enxergar melhor. Ela realmente estava encarando-o. Não necessariamente incomodado, mas sem vontade de conversar, ignorou-a e encheu a taça, chegando ao fim de outra garrafa. Ao encostar o cristal nos lábios, sentiu-se impelido a olhar novamente para trás. A garota sorria para ele. Cassius não retribuiu, apenas levantou uma sobrancelha quando ela acenou convidativamente. Sem saber por que, pegou a taça e levantou-se.

Pode-se dizer que a garota era normal. Nem bonita nem feia. Mantinha o sorriso enigmático em um rosto fino, de pele clara e bochechas rosadas. O cabelo escuro e bem curto brilhava sob a luz amarelada das garrafas. Ela passou a mão na testa e ajeitou a franja atrás da orelha, piscando de maneira divertida. Vestia um balonê branco de um ombro só, reto e sem destaque às possíveis curvas de seu corpo. As tiras prateadas da sandália grega serpenteavam pelas pernas magras e definidas, cruzadas. Dois tapinhas no sofá e

Cassius sentou. Primeiro ela ofereceu uma taça de rosé, depois se apresentou. Bibi Mancini.

Cassius pensou em questionar sua idade; afinal, parecia uma menina. Concluiu que pouco importava. Se estava sozinha em um bar sorrindo para estranhos e oferecendo seu vinho e companhia, devia saber bem o que queria. Ele não era a companhia mais indicada, mas queria que o mundo explodisse. Uma conversa não mataria. Ajeitando-se no sofá, escondeu a aliança no bolso. Durante a conversa, o cheiro que atraía-o não se dispersou por um instante. Na verdade impregnara em suas roupas, em sua pele. Dominava o ambiente. Como o perfume, Bibi se revelou marcante. Apesar de pequena, portava-se como um mulherão, e fazia-o com louvor. Cassius esforçava-se para disfarçar, mas não conseguia desviar o olhar de seu corpo. Ela não cooperava, todavia. Enquanto falava, tocava distraidamente os seios, deslizada os dedos nos braços nus e roçava o pé na panturrilha de Cassius. E os lábios. Ah, os lábios! Cassius perdera as contas de quantas vezes ela deslizara a língua neles, umedecidos pelo rosé. O hálito extasiante provocava nele um calor formigante no estômago. Diversas vezes fechou os olhos, anestesiado. A voz doce brincava em sua mente, contando uma vida que, para Cassius, pouco importava. No entanto, queria saber tudo.

Bibi era do interior, de uma aldeia que Cassius não entendeu o nome. Não gostava, não adaptava-se. As pessoas conheciam demais umas às outras, dando margem para os eternos intrometimentos. Cuidavam mais da vida alheia do que das próprias. Como uma garota de desejos turbulentos, Bibi não podia fazer tudo que gostava sem estar na boca do povo. Precisava conhecer pessoas novas todos os dias. Era um de seus *hobbies*. Os habitantes apontavam-na como uma aberração apenas por não ser "normal" como eles, a maioria. Bibi não queria ser parte da maioria. Bibi era única.

Cassius não sentia mais o gosto do vinho, nem lembrava por que estava ali. O álcool amortecera seus sentidos. Sentia estar sobre uma nuvem, longe de tudo. As vozes perderam o tom e deram lugar a uma canção ininteligível, vinda de toda parte. O ar era a voz de Bibi. Uma sensação boa alisava suas coxas, passando para a virilha.

Molhado. Foi o que bastou para perceber estar excitado há não sabia quanto tempo. De modo atemporal deu-se conta da inexistência do peso das roupas. O membro latejava livre. Uma formicação repentina veio do saco, seguida de mordidas suaves. Um beliscão dolorido despertou-o, e por fim as lambidas. Arriscou abrir os olhos, as pálpebras pesadas lutando contra, até que conseguiu...

Onde estava o bar? Onde ele estava?

O lençol de cetim branco sobre a cama era banhado por uma luz púrpura que vinha do alto. A canção adquiriu ares mais palpáveis. Havia uma música de batidas sensuais, provavelmente tocada por uma vitrola. O ar denso tornava difícil respirar, mas não era de todo ruim. Era uma sensação como nunca sentira. E ali estava ela. Bibi. Veio das sombras e, exposta à luz, parecia um anjo de contornos rosados. Estava nua. A pele era livre de defeitos. Não havia dobras extras, pintas, cicatrizes. Nada. Era perfeita. Os seios minúsculos lembravam peras, e Cassius queria prova-las. Não acreditava em como os queria. Morderia até não sobrar nada. Podia divisar a silhueta de seu sexo entre as pernas. Engoliu uma quantidade generosa de saliva quando ela se aproximou, engatinhando sobre o lençol. Não olhava-o diretamente; parecia estar entregue a um transe. Os lábios entreabertos deixavam os dentes à mostra e um brilho na ponta da língua. Sentiu a pele de Bibi deslizar por um instante pelo membro duro como pedra, o suficiente para quase gozar, e sentiu uma pontada. Uma dor aguda que vinha do saco. Tesão demais, talvez. Queria segurar o gozo e aproveitar ao máximo, e torceu para que a dor amenizasse. Foi quando os olhos da garota brilharam. Não por reflexos. Uma luz branca que preencheu as órbitas. Rápido, um milésimo de segundo, mas percebeu. Contra a luz, Bibi aproximou a respiração quente no rosto de Cassius. Dos lábios entreabertos veio a lambida, deslizando do queixo até a ponta do nariz, demorando nos lábios. Cassius esqueceu o estranho reflexo.

Forçou os braços no intento de agarrar a pequena deusa. Eles não vieram, estavam presos por milhares de sedas multicoloridas que perdiam-se nas sombras. O álcool ainda surtia efeito, e não importava o quanto tentasse, não escaparia. Deixe estar. Não era o

que queria. Voltou à garota e a encontrou sentada sobre seu abdome. O membro roçava entre suas nádegas duras, e sentia-os contraindo-se e relaxando, alternadamente. Ela queria mata-lo de tesão, só podia. Viu-a fechar os olhos, os lábios ainda entreabertos, e a cabeça foi para trás. Ofegava, os seios subindo e descendo em um ritmo frenético. Quando normalizou a respiração, uma lâmina surgiu entre seus dedos. Era difícil dizer, a iluminação não ajudava, mas parecia mesclada à pele. Cassius não teve medo, decidira entregar-se à brincadeira que mais parecia um sonho. A lâmina – ou o quer que fosse – fez uma linha reta no ombro de Bibi e o sangue desceu. O sorriso repentino não demonstrava dor. Masoquismo pesado. Ainda de olhos fechados, as pálpebras suavemente trêmulas, Bibi desceu o rosto e a franja caiu. Por trás dos cabelos, a língua surgiu novamente, serpenteando e lambendo o corte. O músculo úmido dançou safado até sugar todo o sangue. Cassius concluiu que definitivamente estava sonhando: o corte se fora. Mas que...? Bibi retribuiu a expressão de espanto com uma risadinha. Sem dúvida era efeito do vinho ou de alguma droga na bebida. A voz repentina o fez prender a respiração. Dizia que essa era uma das coisas que ela não poderia fazer no interior, pois cairia na boca do povo. Cassius assentiu com um gemido, implorando para que continuasse. Ela trouxe a mão à frente e revelou que a lâmina se fora, dando lugar a um filete dourado com duas pequenas esferas presas, balançando no ar como um pêndulo. Passou-as uma a uma pelo rosto de Cassius, deixando em sua pele um rastro pegajoso. O cheiro peculiar incomodou, porém atendeu seu pedido e lambeu o *Ben Wa*. Um gosto estranho impregnou-se em sua língua enquanto ela levantava-se imponente. Cassius a admirava de costas, as pernas bem abertas. Queria invadir a caverna molhada, tão próxima. Desbrava-la, domina-la. Desvendar seus segredos mais profundos. Sentia os pelos pubianos completamente melados. Se gozara não sabia. Queria faze-lo novamente. O êxtase era contínuo. A primeira esfera do *Ben Wa* foi inserida na vagina. Do filete dourado pingava algo que parecia delicioso, escorrendo até a esfera seguinte. Bibi contraía os grandes lábios de maneira irreal. Sua vagina parecia viva, faminta. *Me devore*, pensou Cassius. *Engula*

meu brinquedo, melhor do que essas bolas inúteis! Os olhos se arregalaram quando o filete saiu pelo ânus de Bibi. Ilusão de ótica ou embriagues? Não soube dizer mesmo quando a primeira esfera saiu também por entre as nádegas e a segunda invadiu a vagina. Cassius não era familiar a esse tipo de anatomia. Sem explicação, as duas esferas, livres dos exóticos canais de Bibi, estavam murchas. Pendiam vazias no filete, agora menos dourado, como se sua energia houvesse sido extraída naquela viagem irreal pelo interior do corpo de Bibi. Cassius se assustou ao vê-la cair de cócoras sobre seu peito, roubando-lhe o ar. Sentiu-a enroscar os dedos ao redor de seu membro. Mantendo as mãos ocupadas masturbando-o, as costas se flexionavam para frente e para trás. A dança, que deveria ser sensual, assustava. *Que porra de orgasmo é esse?* O calor do gozo estava onde deveria estar, mas o dito cujo não vinha. O atrito feroz da mão contra o pênis queimava e Cassius cerrou os dentes, reprimindo o misto de dor e prazer.

Bastou um piscar de olhos para Cassius ver coisas inimagináveis. Primeiro asas ossudas saíram das costelas de Bibi. Estalavam enquanto desdobravam-se. Depois, o cabelo curto eriçou como o de um felino acuado, isso tudo enquanto uma luz branca, oculta pela traseira de Bibi, emanava e lutava contra o rosa ambiente. Algo viscoso molhou seu peito, expulso pela vagina que beliscava sua pele. Ergueu o pescoço e viu sangue escapando em abundância dos orifícios inferiores. Ela, porém, gemia de prazer. Estava certa. Aquele não era o tipo de coisa que se poderia fazer no interior sem cair na boca do povo.

Desistindo de gozar e já não sentindo mais o pênis, Cassius desmaiou.

...

Filipi não acreditava que aquilo fosse possível. Lia e relia o novo exame. Não que fosse mais estranho do que ocorrera com Cassius, o loiro próximo à janela observando a neve da tarde de inverno embranquecer as ruelas movimentadas. Fora dopado, violentado e, de alguma forma, a estranha garota arrancara seus testículos. O

mais inconcebível era a falta de ferimentos, além da vermelhidão no membro. Era como se ela tivesse aberto seu saco, arrancado as bolas e curado em seguida – isso se Cassius fora totalmente honesto. Filipi não perdoara-o pela traição, especialmente com uma mulher, mas não podia negar que estava feliz pelo resultado. Embora infiel, Cassius não merecia passar por aquilo. Não o seu amado Cassius. Não tinha mais testículos; por outro lado, estava livre do câncer escrotal. Era um milagre.

...

Bibi despertou com um gostoso espreguiçar. Desfilou nua até a janela e observou. A névoa dançava pela noite, invadida pelos poucos transeuntes, em sua maioria homens solitários abertos à aproximação de uma linda garota. Mas não podia sair daquele jeito. Havia mantido aquela forma por tempo demais. Seria arriscado abusar da sorte.

No lavabo, acendeu uma vela vermelha de *patchouli*, sua preferida. Relaxava-a como nada mais. E, para o *processo de mudança*, precisava estar totalmente relaxada.

Primeiro cravou as unhas na pele da face. Entraram sem dificuldade. Desceram vagarosas, trazendo nacos da pele branca. O sangue vinha junto, encharcando a pia. Puxou os lábios com um pouco mais de força, expondo a carne avermelhada. Os dentes caíram sozinhos, um a um, tilintando no piso de mármore. O som era familiar, trazendo um sorriso sutil ao rosto desfigurado.

A pior parte vinha a seguir. Cansara de estar pequena. Dessa vez, queria chamar atenção. Queria ser alta. Encurvando-se, segurou o pé direito e puxou-o para frente. Os ossos do tornozelo se partiram e ela continuou. Empregou mais força e o joelho se quebrou; em seguida, o fêmur. Deixou para arrancar a pele do corpo por último. As unhas fortes trabalhavam com maestria. Já o fizera tantas vezes que acostumara-se. Poucos instantes foram o suficiente para os ossos reconstruírem-se e a pele renascer, mais alva e sardenta. O rombo no peito preencheu-se como um desabrochar e deu espaço a

um par de seios redondos e empinados, os mamilos rosados e prontos para convidar um galanteador desavisado a suga-los. Por fim, puxou os cabelos. Sua parte preferida; causava uma gostosa comichão. Estavam curtos, então foi tarefa fácil. *O que será dessa vez?*, pensou. Ruivo. Cachos vermelhos desceram em espirais até metade das costas, molhados pelo sangue. Faziam cócegas ao sair do couro. Bibi soltou uma risadinha divertida e dirigiu-se para o chuveiro. A água livrava-a da hemofilia. Novamente em frente ao espelho, seus olhos brilharam ao conhecer sua nova eu. Não era apenas linda; era espetacular. Chamava muita atenção, então não poderia manter a nova forma por muito tempo. Por isso, aproveitaria o máximo. O nome, no entanto, continuaria. Bibi guardou o filete sem esferas de *Ben Wa* na bolsa e deixou o quarto em um vestido preto. Estava indo caçar.